

MULA SEM CABEÇA, A ORIGEM

Ilan Brenman



Resenha

Em *Mula sem cabeça, a origem*, Ilan Brenman constrói uma narrativa que revela a origem de uma personagem lendária do folclore brasileiro: a mula sem cabeça. De origem europeia, essa personagem de características monstruosas encontra variações semelhantes em outros países da América Latina, como o México e a Argentina: os mexicanos a chamam de *malora* e os argentinos, de *mujer mula*. Essa narrativa, que provavelmente chegou às Américas no período da colonização, servia para fortalecer os padrões morais cristãos, induzindo que as mulheres que tivessem relações sexuais com padres se transformariam em criaturas monstruosas. Não por acaso, a punição pela quebra do voto de castidade parecia recair apenas sobre a mulher, e não sobre o padre que se relacionava com ela.

Em sua versão do conto, Ilan Brenman opta por uma transgressão bastante suave: Isoldinha torna-se mula sem cabeça simplesmente por dar um beijo na bochecha do padre, por quem havia se apaixonado. Aqui, toda a iniciativa do beijo e todo o interesse partem apenas da jovem – o religioso se mantém incorruptível do início ao final da narrativa, quando ficamos sabendo que dali em diante a personagem passaria a se transformar em mula sem cabeça, periodicamente, às sextas-feiras. A reação da comunidade da pequena e pacata cidade que serve de cenário à história vai



Coordenação:
Maria José Nóbrega



do pavor à agressão: a presença desse ser mítico é tudo, menos bem-vinda, de modo que Isoldinha, quando metamorfoseada, precisa fugir para o mato para se proteger. Quando o sino da igreja anuncia a chegada do sábado, a moça retoma a forma humana, e retorna à casa dos pais sem contar o que aconteceu, guardando apenas um cheiro de mato indisfarçável nas roupas.

Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Meus filhos já tinham ouvido falar da lenda da mula sem cabeça, só que apenas de uma maneira superficial. Imagino que se passe algo parecido com a maioria das crianças urbanas de hoje. A mula sem cabeça é como aquele vizinho do andar de baixo em que a gente esbarra de vez em quando nas áreas comuns do prédio, sabe que cara tem, mas não sabe de onde veio, com o que trabalha, o que pensa da vida. Ler a história contada por Ilan Brenman foi como ser convidado pela primeira vez a tomar um lanche da tarde na casa desse vizinho.

Conhecer os detalhes dessa lenda foi uma surpresa para meus filhos. Eles não tinham a menor ideia do que aconteceria, quem se tornaria a mula, quais “poderes mágicos” ela possuiria. Várias vezes,

antes de terminar a leitura, ficaram perguntando: “Se não tem cabeça, como ela vê, como ela come?”.

Ao longo da leitura, as ilustrações foram dando algumas pistas para esse tipo de dúvida e sobre o que aconteceria na sequência. Quando chegavam à página seguinte, batendo os olhos nas ilustrações, eles já tentavam adivinhar o que viria a seguir. Dessa forma, o livro foi “devorado” palavra por palavra, ilustração por ilustração, em poucos minutos.

Como não somos praticantes de nenhuma religião, tive que dar algum contexto para eles entenderem certos pontos. Expliquei, por exemplo, sobre como funciona o sacramento da confissão para os católicos e por que é considerado pecado gostar de um padre. Ainda assim, minha filha ficou incomformada com o castigo desproporcional que se abateu sobre Isoldinha. *A Mula sem Cabeça* é uma história de assombração, mas acabamos nos compadecendo dela. O ser terrível, que tanto assusta os outros, é na verdade a principal vítima da maldição.

Percebemos que nesse ponto há certa semelhança da Mula sem Cabeça com a Medusa da mitologia grega. Medusa era uma bela jovem que, depois de ter um encontro com Poseidon, o deus dos mares, foi transformada pela deusa Atena em um monstro mortal. Qualquer um que olhasse nos olhos da Medusa viraria pedra, o que a condenou a viver isolada até o final de seus dias.

Meus filhos gostam muito de mitologia em forma geral, conhecem várias histórias gregas e nórdicas em detalhes, e agora conhecem também a origem da mula sem cabeça. A leitura me levou a uma reflexão: será que dou pouco valor às expressões da nossa cultura tradicional, ou as considero como algo já dado, que vão ser assimiladas de forma “natural”, sem necessidade de esforço? De qualquer forma, ficou evidente o quanto preciso oferecer mais oportunidades para que se aprofundem em temas e expressões da cultura brasileira. Prometo que passarei a frequentar mais a casa dos nossos “vizinhos”.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu

best-seller. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Saci, a origem*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A sabedoria do califa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O homem dos figos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que a terra está falando*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *O presente de Jaxy Jaterê*, de Olívio Jekupé. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Ajuda do Saci Kamba'i*, de Olívio Jekupé. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Joty, o tamanduá*, de Vãngri Kaingáng. São Paulo: Global.
- ✦ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Ifá, o adivinho*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

